



Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes  
Universidade Federal de Pernambuco

## LEITURA EM SALA DE AULA: O CONTROLE DO CORPO DAS MULHERES EM *O CONTO DA AIA*, DE MARGARET ATWOOD

*READING IN THE CLASSROOM: THE CONTROL OF WOMEN'S BODIES IN THE  
HANDMAID'S TALE BY MARGARET ATWOOD*

### RESUMO

A leitura em sala de aula ainda não é uma prática na maioria das escolas. Então, a partir da experiência de roda de leitura na Escola Estadual Santo Inácio de Loyola, em Olinda, apresentamos a sugestão de discutir a obra *O conto da aia*, de Margaret Atwood, sob a perspectiva do controle do corpo das mulheres representado na narrativa. Acreditamos que a discussão seria adequada para turmas a partir do 9º ano do Ensino Fundamental. Além disso, ensinar literatura é um ato político que, neste artigo, chama atenção para a violência contra a mulher. Violência simbolizada, no texto literário, como a supressão das identidades individuais das Aias por meio do controle dos seus corpos e desejos.

**Palavras-chave:** Leitura em sala de aula. Literatura. Controle do corpo das mulheres. Violência contra a mulher.

### ABSTRACT

Reading in the classroom is not yet a practice in most schools. So, based on the experience of a reading circle at Santo Inácio de Loyola State School, in Olinda, we suggest discussing Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale*, from the perspective of the women's body control represented in the narrative. We believe that the discussion would be appropriate for classes starting in the 9th grade. In addition, teaching literature is a political act that, in this paper, calls attention to the violence against women. Violence symbolized, in the literary text, as the suppression of the Handmaids' individual identities through the control of their bodies and desires.

**Keywords:** Reading in the classroom. Literature. Control of women's bodies. Violence against women.

### INTRODUÇÃO

Ler o mundo antes do texto é o que Paulo Freire nos ensinou em *A importância do ato de ler* (1989). Assim, antes de compreender a literatura em sala de aula, seria importante descobrir a leitura que os alunos estão fazendo do mundo. Eles estão



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

aprendendo a fazer a leitura da “palavramundo”? A leitura das palavras não deveria se distanciar da leitura do mundo. Essa é umas das formas de conectar o texto ao contexto e tornar a leitura interessante para eles.

Então, como contextualizar *O conto da aia*, da canadense Margaret Atwood, para alunos do ensino fundamental II, mais especificamente do 9º ano, e do ensino médio? Como a leitura de livros escritos por mulheres pode contribuir para uma sociedade menos sexista, isto é, que defende a superioridade do gênero masculino sobre o feminino, discriminando as mulheres de acordo com critérios sexuais? Como ensinar a questionar a estrutura do patriarcado, sistema que oprime as mulheres?

A partir da experiência de uma edição do *Leia Mulheres Olinda na Escola*, na Escola Estadual Santo Inácio de Loyola, em Olinda, sugerimos que a prática da leitura em sala de aula seja estimulada e aplicada pelos professores. Sabemos da importância das bibliotecas e do acesso aos livros, pois não é possível levar esse projeto adiante sem eles. Mas sabemos também que podemos viabilizar a leitura emprestando livros entre alunos e professores e adquirindo e-books, pois seu custo é menor do que o do livro físico. Ademais, a biblioteca da escola forneceu os exemplares para os alunos e todos que tiveram interesse pela leitura puderam ler e participar da discussão.

Portanto, é importante ressaltar que “sem o ensino específico da leitura literária, haveria uma contradição entre as louváveis iniciativas governamentais e as diretrizes oficiais para o ensino: o paradoxo da criação de bibliotecas sem que a escola se preocupe em formar leitores”. (PERRONE-MOISÉS, p. 28, 2006).



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

## **LEITURA EM SALA DE AULA**

Um dos pilares do tão comentado desinteresse de brasileiros pela leitura tem suas raízes fincadas na desigualdade social no Brasil e no ensino de literatura na escola. Em 2019, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro, revelou que apenas 25% dos brasileiros entrevistados gostam de ler e 43% deles indicou a falta de tempo como obstáculo para a leitura. Porém, se a leitura começar como uma prática e os alunos desenvolverem o hábito de ler na escola, em sala de aula, esse hábito pode ser estendido para além do espaço escolar. Portanto, a leitura diária ou a cada aula poderia ser praticada nas escolas. Acreditamos que essa prática poderia mudar o fato de que, muitas vezes, não é durante a aula que aprendemos a amar a leitura. Diante disso, o que podemos fazer para estimulá-la dentro e fora da escola? Oferecer a leitura do texto literário em sala de aula é uma das opções. Para Leyla Perrone-Moisés (2006, p. 28):

A pretensa democratização do ensino, como nivelção baseada na “realidade dos alunos”, redundando em injustiça social. Oferecer aos alunos apenas aquilo que já consta em seu repertório é subestimar sua capacidade de ampliar esse repertório. Qualquer que seja a extração social do aluno, sua inteligência lhe permite a aprendizagem da leitura literária.

Alguns professores, como Bianca Gabrielle Cunha da Hora, professora de Português da Escola Estadual Santo Inácio de Loyola, em Olinda, praticam a leitura em sala de aula. Bianca convidou o clube de leitura Leia Mulheres Olinda para fazer uma roda de leitura com os alunos de três turmas do 9º ano. Nós discutimos sobre o livro *O ódio que você semeia* (2017), da estadunidense Angie Thomas, que foi o nosso livro de outubro no

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2020.  
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

clube. A biblioteca da escola disponibilizou uma quantidade suficiente de livros e a professora lia com os alunos durante um tempo da aula entre os meses de agosto a novembro de 2019.

A obra trata do racismo e da violência policial contra jovens negros nos Estados Unidos. No dia 22 de novembro, chegamos à escola no primeiro horário da aula, dividimos as turmas em oito grupos e sorteamos oito tópicos para que os alunos de cada grupo pudessem falar sobre eles a partir de trechos do livro que destacamos para começar a discussão e incentivar a leitura dos trechos que eles destacaram. Os tópicos trabalhados foram os seguintes: a identidade negra de Starr (narradora e personagem principal); hip hop; a segregação racial nos EUA; o uso de armas de fogo contra a população negra estereotipada; o que representa “Um-Quinze” (o número de identificação do policial que cometeu o crime)?; a natureza cíclica da pobreza entre os negros; Garden Heights (bairro ficcional onde se passa a narrativa); as rosas de Maverick (pai de Starr, que o ato de conversar com seu jardim de rosas simboliza seus valores como pai e seu cuidado com a família).

O debate foi muito interessante e a voz das alunas e dos alunos da escola pública da periferia de Olinda demonstrou a força que a literatura, a leitura e a representatividade têm. Dessa forma, a partir da leitura do mundo e da semelhança entre a narrativa e em como funciona o racismo e a violência policial contra a juventude negra aqui no Brasil, eles compreenderam a obra e nós discutimos sobre o texto literário, pois a maioria dos alunos leu o livro em sala de aula. Diante disso, acreditamos no poder transformador da leitura e “podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura”. (CÂNDIDO, 2011, p. 177).



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

## **O CONTROLE DO CORPO DAS MULHERES**

Publicado no Canadá em 1985, *O conto da aia*, de Margaret Atwood, foi classificado como uma distopia. No Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, distopia significa “ideia ou descrição de um país ou de uma sociedade imaginários em que tudo está organizado de uma forma opressiva, assustadora ou totalitária, por oposição à utopia”. Um dos eixos de discussão sobre a obra está na representação do corpo nessa sociedade e em como ele é controlado pela República de Gilead, país ficcional que ocupa parte do que um dia foram os Estados Unidos.

Offred é a narradora e a personagem principal do livro. Ela é uma serva, uma Aia, da República de Gilead, um estado totalitário e teocrático. Por causa de taxas de reprodução muito baixas, as Aias são designadas a cumprir o papel de reprodutoras para casais da elite que têm problemas em conceber seus próprios filhos. Offred serve ao Comandante Fred e à sua esposa, Serena Joy, uma ex-cantora gospel, conservadora e defensora dos valores tradicionais da sociedade. Offred não é o nome verdadeiro da narradora — os nomes das Aias consistem na palavra "de", *of* em inglês, seguido pelo nome do Comandante, Fred, indicando a objetificação da mulher e o controle do seu corpo, que pertence àquela família:

Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como o número de seu telefone, útil apenas para os outros; mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia. Penso nesse nome como enterrado. Esse nome tem uma aura ao seu redor, como um amuleto, um

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2020.  
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

encantamento qualquer que sobreviveu de um passado inimaginavelmente distante. Deito-me em minha cama de solteiro, de noite, com os olhos fechados e o nome flutua ali, por trás de meus olhos, não totalmente ao alcance, resplandecendo na escuridão. (ATWOOD, p. 103, 2017)

Antes do golpe que transformou os Estados Unidos na República de Gilead, *Offred* se chamava *June*. Porém, para minimizar a dor de ter de abandonar o próprio nome, a própria identidade, ela tenta se convencer de que isso não é importante. Contudo, podemos perceber a relação ambígua que ela estabelece com ele no contraste entre os termos *enterrado* e *flutua*. Por um lado, ela precisa enterrá-lo; por outro, ele simboliza um amuleto que flutua e resplandece na escuridão do quarto.

A personagem vive numa fronteira suspensa entre passado e presente enquanto habita o tempo da espera. Todo mês, quando está fértil, ela deve fazer sexo com o Comandante para tentar engravidar:

Então. Mais espera. A Dama à Espera: era como costumavam chamar aquelas lojas em que se podia comprar roupas para a gravidez. Mulher à espera parece mais como alguém em uma estação de trem. A espera também é um lugar: é onde quer que você espere. Para mim é este quarto. Sou uma lacuna, aqui, entre parênteses. Entre outras pessoas. (ATWOOD, 2017, p. 270).

Uma lacuna, um espaço vazio à espera, um útero aprisionado. A liberdade dela, assim como a de todas as mulheres, é restrita. Ela pode sair de casa apenas para fazer compras, a porta do seu quarto não pode ser fechada completamente, e os Olhos, a força policial de Gilead, vigiam todos os seus movimentos.



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

Assim, a possibilidade de gravidez aprisionou as mulheres férteis e vigiadas de Gilead, pois a função social das Aias é engravidar. Por um lado, isso representa a desvantagem da fertilidade para elas, e por outro, a vantagem para o sistema político que usa seus corpos. Portanto, a construção das personagens nesse grupo social, utiliza critérios biológicos para justificar a tirania do governo totalitário e a impossibilidade de autonomia individual de todas as mulheres. Na narrativa, o respeito significa repressão, que é usada como ferramenta de controle social e submissão. Em Gilead, a maternidade foi oferecida como explicação para a escravização do corpo e o apagamento das identidades individuais. Para Joan Scott (p. 19, 2005), “processos de diferenciação social produzem exclusões e escravizações que são então justificadas em termos de biologia ou de raça”, assim como acontece na obra de Atwood.

Afundo dentro de meu corpo como se dentro de um pântano, um atoleiro, onde só eu conheço os pontos de apoio seguros para os pés. Terreno traiçoeiro, meu próprio território. Torno-me a terra contra a qual encosto minha orelha, para escutar rumores do futuro. Cada pontada, cada murmúrio de ligeira dor, ondulações sucessivas de matéria na época de muda periódica, inchaços e diminuições de tecido, as secreções viscosas da carne, esses são os sinais, essas são as coisas de que preciso saber. A cada mês fico vigilante à espera de sangue, temerosamente, pois quando ele vem significa fracasso. Falhei mais uma vez em satisfazer as expectativas de outros, que se tornaram as minhas próprias expectativas. Eu costumava pensar em meu corpo como um instrumento de prazer, ou um meio de transporte, ou um implemento para a realização da minha vontade. Eu podia usá-lo para correr, para apertar botões, deste ou daquele tipo, fazer coisas acontecerem. Havia limites, mas meu corpo era, apesar disso, flexível, único, sólido, parte de mim. (ATWOOD, 2017, p. 90-91).

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2020.  
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

A angústia da narradora diante de mais um mês sem cumprir a sua função de engravidar é um dos trechos que poderiam ser destacados para dar início à discussão sobre o controle do corpo das mulheres em sala de aula. Mais uma vez, o contraste entre palavras aparece: instrumento de prazer e meio de transporte, no passado, em oposição a pântano e terreno traiçoeiro que, agora, representam o corpo de Offred.

As Aias se transformam em estrangeiras dentro de si mesmas, com o seu território invadido e ocupado pelo desejo dos que as oprimem e as aglutinam num grupo determinado por características biológicas. Portanto, para Joan Scott:

As identidades de grupo são um aspecto inevitável da vida social e da vida política, e as duas são interconectadas porque as diferenças de grupo se tornam visíveis, salientes e problemáticas em contextos políticos específicos. É nesses momentos – quando exclusões são legitimadas por diferenças de grupo, quando hierarquias econômicas e sociais favorecem certos grupos em detrimento de outros, quando um conjunto de características biológicas ou religiosas ou étnicas ou culturais é valorizado em relação a outros – que a tensão entre indivíduos e grupos emerge. Indivíduos para os quais as identidades de grupo eram simplesmente dimensões de uma individualidade multifacetada descobrem-se totalmente determinados por um único elemento: a identidade religiosa, étnica, racial ou de gênero. (Scott, 2005, p. 18).

As identidades de grupo são utilizadas na narrativa de Atwood como mais uma forma de dominar as mulheres: Tias, Aias, Esposas, Marthas e Econoesposas. A seleção do vocabulário representa a relação de inferioridade de cada grupo em relação aos termos designados àqueles que as oprimem: Comandantes, Olhos e Guardiões. Cada um com suas funções e vestimentas específicas. Só há uma característica comum a todos eles: a submissão — a mulher é sempre submissa ao homem. Mas qual é o fio condutor da história? Como as mulheres foram subjugadas dessa forma?

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2020.  
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

A República de Gilead se estruturou nas bases de um estado totalitário, em que os direitos dos indivíduos se subordinam aos da coletividade, e teocrático, governo em que a autoridade, provinda de Deus, é exercida pelos Comandantes. Offred nos conta como aconteceu: “Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. [...] Foi então que suspenderam a Constituição. Disseram que seria temporário”. (ATWOOD, p. 208, 2017). Um golpe de Estado que utilizou características religiosas para possuir o corpo das mulheres férteis em nome de Deus, como podemos observar neste trecho:

O Comandante, como se relutantemente, começa a ler. Não faz isso muito bem. Talvez esteja apenas entediado.

É a história habitual, as histórias habituais. Deus para Adão, Deus para Noé. *Frutificai e multiplicai-vos, enchei abundantemente a terra.* Então vem aquele negócio velho e bolorento da Raquel e da Lea que nos martelaram na cabeça no Centro. *Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim receba filhos por ela.* E assim por diante, interminavelmente. Ouvíamos isso ser lido para nós todo dia de manhã durante o desjejum, enquanto sentávamos na cafeteria da escola, comendo mingau com creme e açúcar mascavo. (ATWOOD, 2017, p. 109)

Assim, podemos compreender como as características biológicas, religiosas e de gênero foram usadas como justificativa para construir e reforçar o contexto político-social de Gilead. A partir disso, seria interessante discutir se devemos dizer amém para os usos indevidos da bíblia.

O uso é indevido, pois tira a autonomia e o livre arbítrio das mulheres. Elas foram levadas, compulsoriamente, para um centro de treinamento (Centro Vermelho) com o



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

objetivo de servir ao Estado — aprender a se comportar como Aias — e anular suas escolhas, empregos e famílias. Corpos acorrentados a um regime que os domestica e os culpa pelas mazelas sociais. Além disso, naturaliza o comportamento sexista dos Comandantes:

[...] A Natureza exige variedade para homens. É lógico, razoável, faz parte da estratégia de procriação. É o plano da Natureza. — Não digo nada, de modo que ele prossegue. — As mulheres sabem disso instintivamente. Por que elas compravam tantas roupas diferentes, nos velhos tempos? Para enganar os homens levando-os a pensar que eram várias mulheres diferentes. Uma nova a cada dia. (ATWOOD, 2017 p. 281).

Nesse sentido, ao ensinar e compreender o controle levado ao extremo, na obra, seria interessante discutir sobre como os nossos corpos são controlados hoje, como o *dressing code* nos impõe variedade e regras de vestimenta, da roupa adequada para lugares (escola, trabalho, igreja) e ocasiões (festa de aniversário, casamento, reunião).

É importante destacar o quanto as mulheres são cobradas e, por isso, muitas delas tentam atender a essa necessidade sexista. Afinal, a sociedade está, constantemente, ditando o que as mulheres devem vestir para serem consideradas e respeitadas. Portanto, assim como controlam o que vestimos hoje, em *O conto da aia*, as roupas também são formas ainda mais restritas de controle social, pois há um modelo e uma cor específica para cada grupo:

Dobramos a esquina e entramos numa rua principal, onde há mais tráfego. Carros passam, a maioria deles pretos, alguns cinzentos e marrons. Há outras mulheres com cestas, algumas vestidas de vermelho, algumas do tom verde opaco das Marthas, algumas com os vestidos listrados, de vermelho, azul e verde, ordinários e feitos com pouco tecido,

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2020.  
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

que são típicos das mulheres dos homens mais pobres. Econoesposas, é como são chamadas. Essas mulheres não estão divididas segundo funções a desempenhar. Elas têm que fazer tudo; se puderem. Por vezes há uma mulher toda de preto, uma viúva. Costumava haver um número maior delas, mas parecem estar diminuindo.

Você não vê as Esposas de Comandantes nas calçadas. Só em carros. (ATWOOD, 2017, p. 35).

Se fossemos obrigadas a vestir apenas uma cor e um tipo de roupa? O corpo facilmente identificável, como um alvo que não pode escapar aos Olhos vigilantes. Também é importante destacar a desigualdade social dentro dessa dinâmica, pois como foi mencionado anteriormente, as Aias servem à classe dominante do país. Elas vestem vermelho, cor que representa o sangue que circunda a vida e a morte:

Eu me levanto da cadeira, avanço meus pés para a luz do sol, em seus sapatos vermelhos, sem salto para poupar a coluna e não para dançar. As luvas vermelhas estão sobre a cama. Pego-as, enfio-as em minhas mãos, dedo por dedo. Tudo, exceto a touca de grandes abas ao redor de minha cabeça, é vermelho: da cor do sangue, que nos define. A saia desce à altura de meus tornozelos, rodada, franzida e presa a um corpete de peitilho liso que se estende sobre os seios, as mangas são bem largas e franzidas. As toucas brancas também seguem o modelo padronizado; são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas. Nunca fiquei bem de vermelho, não é a minha cor. Apanho a cesta de compras e a enfio no braço. (ATWOOD, 2017, p. 16).

Uma roupa que cobre o corpo completamente e uma touca que as impedem de ver e de serem vistas. Pela cor que vestem já anunciam que são apenas úteros ambulantes e nada mais. Como seria a sensação de dormir, acordar e descobrir que fomos reduzidas a uma parte do corpo? A descrição detalhada da narradora ao se vestir demonstra o quanto esse processo é penoso.

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2020.  
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

O vermelho também simboliza o prazer, mas este não é permitido na sociedade de Gilead. As mulheres se distanciam cada vez mais de seus corpos até o ponto de se tornarem completamente alheias a eles:

Minha nudez já é estranha para mim. Meu corpo parece fora de época. Será que realmente usei trajes de banho, na praia? Usei, sem pensar, entre homens, sem me importar que minhas pernas, meus braços, minhas coxas e costas estivessem à mostra, pudessem ser vistas. Vergonhoso, impudico. Evito olhar para baixo, para meu corpo, não tanto porque seja vergonhoso ou impudico mas porque não quero vê-lo. Não quero olhar para alguma coisa que me determine tão completamente. (ATWOOD, 2017, p. 78).

Qual a relação que temos com o nosso corpo hoje? Nós podemos ir à praia, usar biquínis e mostrar as pernas. Porém, como nos sentiríamos se tudo isso nos fosse negado? Existe essa possibilidade? Essas são algumas perguntas que poderiam ser levantadas na discussão sobre o trecho acima. O estranhamento do corpo tal qual uma carcaça que não lhe serve mais para o prazer ou a admiração no espelho, até porque não há muitos espelhos pela casa onde Offred mora, apenas um, perto da saída.

Então, é importante destacar que o controle do corpo também representa o controle do prazer sexual das mulheres, que nas sociedades conservadoras sempre foi deixado em segundo plano quando não reprimido. Por isso, a luta pela liberdade sexual não é recente e nos parece cada vez mais necessária e urgente. Como podemos perceber no trecho abaixo, a inversão de valores, no livro, afirma a importância das mulheres por meio de um carimbo, uma tatuagem, que as reduzem a um número e, mais uma vez, as controla:



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

Não posso evitar ver agora a pequena tatuagem em meu tornozelo. Quatro números e um olho, um passaporte ao contrário. Supõe-se que isso garanta que eu nunca possa vir a desaparecer, por fim, em outra paisagem. Sou importante demais, escassa demais, para isso. Sou uma riqueza nacional. (ATWOOD, 2017, p. 80).

Importante, escassa, uma riqueza nacional: eufemismos que representam seu estado de prisioneira? Estimular a imaginação e a leitura crítica dos alunos por meio de perguntas, trechos e termos da obra sempre rende discussões interessantes e inteligentes, pois “além de trazer a crítica dos tempos, como ocorre em *O conto da aia*, um dos papéis da literatura é manter a chama imaginativa acesa. [...] O exercício imaginativo retira as amarras do pensamento único, um treino criativo que não leva a sério placas como ‘não há outro caminho’.” (RÜSCHE, p. 17, 2017).

Há outros caminhos, mas como chegar até as saídas que nos levam a eles? Acreditamos que questionar é uma das opções. Questionar o sistema político, religioso e sexista vigentes. Ainda que obrigada a cumprir a regra bíblica “frutificai e multiplicai-vos”, Offred continua questionando àquela sociedade e resistindo às imposições de Gilead:

O espaço com assentos no pátio agora está cheio; nós sussurramos e esperamos. Por fim o Comandante encarregado do serviço entra. Ele é calvo e tem ombros largos e parece um técnico de futebol envelhecido. Está vestido em seu uniforme preto, sóbrio, com as fileiras de insígnias e condecorações. É difícil não ficar impressionada, mas faço um esforço: tento imaginá-lo na cama com sua Esposa e sua Aia, fertilizando sem parar como um louco, como um salmão no cio, fingindo não ter nenhum prazer com isso. Quando Deus disse frutificai e multiplicai-vos, estava se referindo a esse homem? (ATWOOD, 2017, p. 259).



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

Mais uma pergunta para discutir com os alunos e estimulá-los a refletir sobre as relações de poder e submissão entre as personagens de Atwood. Observe como ela descreve o Comandante: “Ele é calvo e tem ombros largos e parece um técnico de futebol envelhecido. Está vestido em seu uniforme preto, sóbrio, com as fileiras de insígnias e condecorações. [...] fertilizando sem parar como um louco, como um salmão no cio”.

Então, mais uma vez podemos perceber o contraste entre as representações do Comandante como um homem sério, em público, e durante o ato sexual como um louco no cio. E o questionamento de Offred se deve à hipocrisia social que aceita um Comandante usar a palavra de Deus no espaço público e fertilizar uma Aia, fingindo não sentir prazer com isso, no espaço privado.

Nas Notas Históricas, que funciona como um posfácio do livro, Atwood (2017, p. 358) destaca: “Como sabemos pelo estudo da história, nenhum novo sistema pode se impor a um anterior sem incorporar muitos dos elementos a serem encontrados neste último”:

A necessidade do que eu poderia chamar de serviços de reprodução humana já era reconhecida no período pré-Gilead, no qual estava sendo atendida inadequadamente por “inseminação artificial”, “clínicas de fertilidade”, e pelo uso de “mães de aluguel”, que eram contratadas com esse propósito. Gilead tornou ilegais as duas primeiras opções, considerando-as irreligiosas, mas legitimou e executou a terceira, que era considerada como tendo precedentes bíblicos; assim substituíram a poligamia serial, comum no período pré-Gilead, pela forma mais antiga de poligamia simultânea, praticada tanto nos tempos primitivos do Velho Testamento bem como no antigo estado de Utah, no século XIX. (ATWOOD, 2017, p. 358).



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

Nesse sentido, o mau uso da bíblia pelo totalitarismo teológico de Gilead subjugou mulheres em nome do religiosamente correto e denomina “mães de aluguel” o controle da vida, das escolhas, do corpo e do prazer das Aias.

E sobre controlar o corpo e escolhas, o aborto, mais uma questão que diz respeito ao corpo da mulher, é ainda mais combatido e criminalizado nessa sociedade. Também nas Notas Históricas, ele é apontado como umas das causas da infertilidade e da queda nos índices de natalidade, entre outros motivos como o uso de armas químicas, biológicas e o lixo tóxico:

Os motivos desse declínio não estão totalmente esclarecidos para nós. Parte do insucesso em se reproduzir pode sem dúvida ser atribuído à disponibilidade ampla de meios de controle de natalidade de vários tipos, inclusive o aborto, no período pré-Gilead imediatamente anterior. Parte da infertilidade, portanto, era desejada, o que pode ser responsável pelas estatísticas divergentes entre caucasianos e não caucasianos; mas o resto não era. Será que preciso recordar-lhes de que aquela foi a era da cepa-R de sífilis e também da infame epidemia de AIDS que, uma vez disseminadas livremente entre a população, eliminaram muitas pessoas jovens sexualmente ativas da combinação de recursos genéticos? Bebês natimortos e com deformidades genéticas tornaram-se comuns e seus números entraram em crescimento, e essa tendência tem sido relacionada aos vários acidentes em usinas nucleares, panes e ocorrências de sabotagem que caracterizaram o período, bem como os vazamentos de estoques de armas químicas e biológicas e de locais de depósito de lixo tóxico, dos quais muitos milhares existiam, tanto legais quanto ilegais — em alguns casos esses materiais eram simplesmente lançados no sistema de esgotos —, e ao uso descontrolado de inseticidas químicos, herbicidas e outras substâncias líquidas pulverizadas. (ATWOOD, 2017, p. 357).



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre o controle do corpo das mulheres em sala de aula é urgente, pois de acordo com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgados em 2019, a cada dois minutos uma mulher é agredida no Brasil e 4.936 mulheres foram assassinadas em 2017 — maior número em 10 anos.

Assim, acreditamos na literatura, na leitura e discussão de textos ficcionais, como *O conto da aia*, como recursos para frear o aumento da violência contra a mulher. Como afirma Antônio Cândido (p. 177, 2011):

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Nesse sentido, “a distopia possui o condão de mostrar a ingenuidade de nossos sonhos em épocas mais felizes. Um efeito bastante amargo da leitura”. (RÜSCHE, p. 14, 2017). Porém, o amargor dos trechos mais difíceis é necessário para a compreensão do que Estados Totalitários podem fazer com o nosso corpo se não resistirmos a eles: “Acredito na resistência do mesmo modo que acredito que não pode haver luz sem sombra; ou melhor, não pode haver sombra a menos que também haja luz”. (ATWOOD, 2017, p. 128).

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2020.  
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



**Cristiane Montarroyos Santos Umbelino, Maria Thereza Didier de Moraes**  
Universidade Federal de Pernambuco

## REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco. 2017

CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. **Distopia**. 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/distopia> Acesso em: : 28 jun. 2020.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2019**. 2020. Disponível em: [https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/atlas-da-violencia-2019/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/atlas-da-violencia-2019/) Acesso em: 29 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v. 4).

LAGO, Davi. **Retratos da leitura no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/01/06/retratos-da-leitura-no-brasil.ghtml> Acesso em: 28 jun. 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 9, p. 16-29, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

RÜSCHE, Ana. Atwood e de quanto o real ultrapassa a ficção. **Suplemento Pernambuco**, Recife: Cepe. 2017.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000100002/> . Acesso em: 29 jun. 2020.

THOMAS, Angie. **O ódio que você semeia**. Trad. Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Galera Record. 2019.

Recebido em 15 de maio de 2020

Aprovado em 30 de junho 2020

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2020.  
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.